

## EDITORIAL

## A violência no futebol exige um plano

As terríveis cenas protagonizadas por torcedores do Sport e do Santa Cruz nas ruas de Recife, sábado passado, expuseram o desafio colocado diante das autoridades para dar conta da tarefa de combater a insanidade que envolve o problema das torcidas organizadas, em relação ao comportamento selvagem de uma parte dos seus integrantes.

Uma situação que diz respeito à realidade da maioria dos estados brasileiros e, claro, que também deve preocupar os governantes locais, no aspecto em que abala a normalidade das urbes para além dos ambientes onde as competições acontecem.

O pânico que tomou de conta da capital pernambucana alguns dias atrás,

com saldo final de pelo menos 14 pessoas feridas, 12 internados em estado grave e registros inaceitáveis de uma violência gratuita e incompreensível, faz parte, infelizmente, de um cenário crítico com o qual todos estamos sob risco de conviver.

Inclusive em Fortaleza, como demonstraram episódios recentes observados em algumas das nossas praças esportivas que envolveram, através de eventos separados, torcedores do Ceará e do Fortaleza. Para dar uma ideia da insensatez prevalecente, em alguns casos como resultado de confrontos entre simpatizantes de um mesmo time, ou seja, sem razões esportivas aparentes para desentendimentos.

Na semana em que nos preparamos para uma partida que mobilizará as duas

principais equipes e de maiores torcidas do nosso estado será importante dispormos de um plano que consiga se antecipar aos problemas que potencialmente podem ser registrados.

Há necessidade de garantir a segurança dos torcedores nos estádios, claro, mas, antes disso, a população em geral de Fortaleza precisará estar protegida dos efeitos possíveis de uma ação coletiva nem sempre marcada pela racionalidade. Conforme o triste exemplo pernambucano nos demonstrou.

Claro que existe uma cobrança anterior a fazer às próprias entidades que se organizam em torno dos torcedores, que devem assumir suas responsabilidades através de quem as lidera. O pretexto do amor ao clube não serve de justificativa para comportamentos

despropositados, também responsáveis hoje por afastar público dos estádios, o que vai de encontro à própria essência da luta na qual se envolvem e da emoção que os motiva.

A organização do clássico entre Ceará e Fortaleza, marcado para sábado próximo, deve estar precedida de cuidados que assegurem a realização do acontecimento esportivo sem que isso impacte negativamente sobre a vida normal da cidade.

É dever dos envolvidos, considerando-se dirigentes, torcedores e autoridades, garantir que a paixão que o futebol simboliza, mal administrada, não acabe transformada em transtorno para o morador da nossa capital. Já temos problemas demais a nos preocupar cotidianamente. ■

## OPOVO

FUNDADO EM 7 DE JANEIRO DE 1928  
POR DEMÓCRITO ROCHA

PRESIDENTE INSTITUCIONAL & PUBLISHER  
Luciana Dummar

PRESIDENTE-EXECUTIVO  
João Dummar Neto

DIRETORES DE JORNALISMO  
Ana Naddaf  
Erick Guimarães

DIRETOR DE JORNALISMO RÁDIOS  
Jocélio Leal

DIRETOR DE ESTRATÉGIA DIGITAL  
E NOVOS NEGÓCIOS  
Filipe Dummar

DIRETOR DE NEGÓCIOS  
Alexandre Medina Néri

DIRETORA DE GENTE E GESTÃO  
Cecília Eurides

DIRETOR CORPORATIVO  
Cliff Villar

DIRETOR DE OPINIÃO  
Gualter George

EDITORIALISTA-CHEFE  
Plínio Bortolotti

CONSELHO EDITORIAL  
Adísia Sá; Diatáhy Bezerra de Menezes;  
Fausto Nilo; Francisco José de Lima Matos;  
Lino Vilaventura; Manfred Oliveira;  
Plínio Bortolotti; Raimundo Padilha;  
Roberto Macedo; Valdemar Menezes;  
Wânia Cysne Dummar

DIRETORIA DE JORNALISMO

DIRETORES DE JORNALISMO  
Ana Naddaf  
Erick Guimarães

DIRETOR DE JORNALISMO RÁDIOS  
Jocélio Leal

EDITORES-CHEFES  
André Bloc, Beatriz Cavalcante, Chico Marinho,  
Clóvis Holanda, Cristiane Frota, Érico Firmo,  
Fátima Sudário, Gil Dicelli, Isabel Costa,  
Joelma Leal, Lucas Mota, Neila Fontenele,  
Tânia Alves e Thadeu Braga

EDITORES-ADJUNTOS  
Alan Magno, Demetri Túlio, Irna Cavalcante,  
Italo Coriolano, Júlio Caesar,  
Marcela Tosi, Marcos Sampaio,  
Rubens Rodrigues e Sara Oliveira

EDITORA DE MÍDIAS SOCIAIS  
Glenna Cherice

REDATORA DE CAPA E FAROL  
Domitila Andrade

ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO  
Daniela Nogueira

OMBUDSMAN  
João Marcelo Sena

EMPRESA JORNALÍSTICA O POVO S.A.  
Av. Aguanambi, 282 - Joaquim Távora  
CEP 60055-402 - Fortaleza - CE - PABX: 3254 1010  
CNPJ: 07.222.565/0001-62  
www.opovo.com.br

## GALERIA DE PRESIDENTES



Demócrito  
Rocha  
1928 - 1943



Paulo  
Sarasate  
1942 - 1968



Creuza  
Rocha  
1968 - 1974



Albanisa  
Sarasate  
1974 - 1985



Demócrito  
Dummar  
1985 - 2008

ATENDIMENTO  
AO LEITOR E ASSINANTE

3254 1010  
mercadoassinante@opovo.com.br

AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS: Agência Estado, Agência France Press e Gazeta Esportiva

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO EM BRASÍLIA:  
MÍDIA DISTRIBUIDORA DE JORNAIS LTDA - Aeroporto  
Internacional de Brasília Pres. Juscelino Kubitschek;  
Setor de Locadoras, lote nº 14, salas 03 e 04;  
CEP: 71608-900 - Brasília/DF;  
Telefone: (0XX61) 364 9900, Fax: (0XX61) 364 9901  
E-mail: idiadistribuidora@grupomidia.com.br

PREÇO DO EXEMPLAR NO CEARÁ:  
segunda a sábado: R\$ 4,00; domingo: R\$ 5,00  
OUTROS ESTADOS DO NORDESTE:  
segunda a sábado: R\$ 6,00; domingo: R\$ 8,00  
OUTROS ESTADOS:  
segunda a sábado: R\$ 6,00; domingo: R\$ 10,00  
ASSINATURA ANUAL: R\$ 1.132,00

## ARTIGOS

## A difícil arte do desaparego



Gal Kury  
galkury@galkury.com

Professora e  
consultora de  
Marketing. Colunista  
do O POVO

Mudar de casa pode ser um verdadeiro choque de realidade. Ao empacotar pertences, nos deparamos com o imenso acúmulo de objetos que colecionamos ao longo dos anos. Para aqueles com mais de 50 anos, essa situação se torna ainda mais evidente:

livros, roupas, fotos, recordações de viagens, CDs, eletrodomésticos e uma infinidade de quinquilharias que carregam memórias, mas também peso.

Diante disso, surge a questão: o que realmente é essencial? O

desapego é uma tarefa emocionalmente complexa e desafiadora. Entretanto, há quem já pratique essa filosofia de forma organizada e pragmática.

Os suecos têm um conceito peculiar para lidar com essa questão: o *döstädning*, que combina *dö* (morte) e *städning* (limpeza). A ideia é simples: organizar e se desfazer dos excessos antes de partir, evitando que familiares fiquem sobrecarregados com pertences sem utilidade.

A prática ganhou visibilidade graças à artista sueca Margareta Magnusson, que, com mais de 90 anos, escreveu o livro “O que deixamos para trás: A arte sueca do minimalismo e do desaparego”. Na obra, ela enfatiza que o *döstädning* não é apenas sobre organização, mas sobre aliviar a própria vida e a dos outros. “A ideia é não deixar um monte de lixo para trás quando você morrer. Lixo que outras pessoas vão ter que dar um fim”, afirmou em entrevista à BBC News.

Esse conceito sueco dialoga diretamente com a sustentabilidade e o consumo consciente. Em uma sociedade onde somos constantemente incentivados a comprar mais, o desaparego se torna um ato de resistência. Acumulamos objetos desnecessários, muitas vezes movidos pelo impulso do consumo ou pelo receio de nos desfazermos de algo que, um dia, “pode ser útil”.

A reflexão que fica é: precisamos de tudo isso para viver? As memórias estão no coração e na mente, não necessariamente nos objetos. Uma casa com história é agradável, mas isso não significa viver entre excessos. O desaparego não significa perder, mas sim ganhar leveza e liberdade. O que realmente importa não são as coisas que possuímos, mas as relações e os momentos que cultivamos ao longo da vida. ■

## Musk, a extrema direita e as políticas da memória



Renata Marinho Paz  
renata.marinho@urca.br

Doutora em  
Sociologia

Até certo tempo atrás eu acreditava firmemente que havia um consenso de que questões como o holocausto eram acontecimentos considerados inquestionavelmente hediondos e pontos sem retorno na história. Hoje entendo que era ingenuidade

minha (e creio que muita gente talvez compartilhe essa perspectiva). O fato é: episódios recentes têm revelado esforços de relativização e trivialização do nazismo e do holocausto.

“A história se repete e a força deixa a história mal contada”, dizem os versos da canção do grupo pop Engenheiros do

Hawaii. Em discurso realizado num evento

promovido pelo AfD, partido da extrema direita alemã, ultranacionalista e ultraliberal, com conexões nazistas, o empresário Elon Musk sugeriu que o povo alemão deveria abandonar a culpa pelo passado e se orgulhar de sua identidade nacional, não se perdendo em multiculturalismos que tudo diluem.

Marx afirmava que a história acontece como tragédia e se repete como farsa. Em meio às celebrações referentes aos 80 anos da libertação do campo de concentração de Auschwitz, nacionalismo e racismo se abraçam e são evocados por um sujeito que tem o poder de deixar a história mal contada e de repetir a tragédia, já que a amplificação de vozes com esse tipo de ideias em ambientes de mídia digitalizada é capaz de assumir proporções catastróficas.

E o fato deste episódio ter acontecido poucos dias após figuras-chave do mundo corporativo da comunicação digital terem se alinhado publicamente no dia da posse do presidente dos Estados Unidos, com direito à performance com o gesto da saudação nazista dá a dimensão do cenário a ser enfrentado.

Como um Jano de duas faces, esse contexto é, ao mesmo tempo, sombrio e pedagógico, e nos ensina que algumas lições sobre as políticas da memória. A primeira delas, e talvez a mais importante, é que democracia é um processo que está diretamente associado à responsabilidade da rememoração ativa e constante, tanto para o entendimento do presente quanto para que os erros do passado não se repitam no futuro. ■

## AFBNB 39 anos: compromisso e firmeza na luta



Rita Josina  
afbnb@afbnb.com.br

Diretora-Presidente  
da Associação dos  
Funcionários do Banco  
do Nordeste (AFBNB)

Nesta terça-feira (4) a Associação dos Funcionários do Banco do Nordeste (AFBNB) completa 39 anos de luta histórica em defesa do BNB, do FNE e de seus trabalhadores.

Criada no bojo da construção da Carta Magna, a luta pela democracia e a redução das desigualdades inter e intrar-regionais moldaram a missão da AFBNB. Trata-se de um longo caminho de quase quatro décadas em que a Associação não mediu, e não mede esforços para estar presente acompanhando projetos, organizando debates, mobilizações e demais ações voltadas para a melhoria das condições de vida da sociedade e dos trabalhadores.

Exemplo disso tem sido as suas inserções no debate público nacional, discutindo Projetos de Lei, suscitando novas pautas para a elaboração de políticas e a manutenção de recursos estáveis para a Região onde o BNB atua. Importante ainda destacar seu papel de defesa da Instituição tomando a linha de frente e o protagonismo nos momentos em que o BNB se viu ameaçado, seja por projetos de fatiamento (ou mesmo mutilação) de seus recursos ou ainda por tentativas de fragilização de sua missão Institucional.

A AFBNB atua com firmeza na defesa dos funcionários do Banco no sentido de buscar a valorização, a melhoria das condições de trabalho nas unidades, principalmente as agências, a luta pelo fim do assédio moral e sexual, bem como a

infraestrutura adequada, tecnologia, isonomia e transparência em seus processos internos. A Associação também leva à frente propostas e deliberações que são fruto de um diálogo permanente com a base de trabalhadores.

Com a participação dos representantes de base, lideranças imprescindíveis para a construção das lutas e das estratégias, a AFBNB se pauta pelo compromisso com seus associados, numa mobilização permanente que mescla debates, encontros, reflexões e resoluções que dão o tom de seu trabalho ao longo do tempo. Em breve, a AFBNB atingirá quatro décadas de história, um marco que celebra um passado de lutas, e uma trajetória atenta às pautas e às bandeiras do presente e do futuro. A AFBNB somos nós, nossa força, nossa voz! ■

## PARA FALAR COM A GENTE

OMBUDSMAN  
ombudsman@opovodigital.com

WHATSAPP  
(85) 98893 9807

E-MAIL  
opinioao@opovo.com.br

TELEFONES  
(85) 3255 6104 ou 3255 6129